



Um grito lancinante foi ouvido: as desrazões contagiosas em ‘O mez da gripe’, de Valêncio Xavier

Ana Claudia Aymoré Martins

Universidade Federal de Alagoas, Av. Lourival Melo Mota, s/n., 57072-900, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: anaclaudiaaymore@gmail.com

RESUMO. O presente artigo se propõe a fazer uma análise acerca das relações entre microparasitismo e macroparasitismo na novela ‘O mez da gripe’, de Valêncio Xavier, publicada originalmente em 1981, e que tem como cenário a cidade de Curitiba em 1918, assolada pela gripe espanhola. A polifonia caleidoscópica do livro de Xavier, construído a partir da colagem entre diversos gêneros textuais/imagéticos (como artigos de jornais, documentos oficiais, fotografias de época, propaganda, obituários), intercalados por fragmentos ficcionais, possibilita o desenvolvimento de diversas camadas de leitura, entre as quais a perspectiva da doença, e sobretudo da epidemia, como metáfora – da guerra, da loucura, da anormalidade, do crime, em suma, das ‘desrazões contagiosas’ – sobressai como uma das mais instigantes. Assim, a escrita literária possibilita refletir acerca da condição singular de se viver em tempos de pandemia, o que se realiza, aqui, tomando como base a análise de algumas das figuras e personagens da obra, como o caminhante solitário, o Kaiser Guilherme II, a sobrevivente D. Lucia, o sr. Telêmaco Jardim, o louco Manoel de Campos, a vítima Clara Heisler, o Mão Peluda e a própria *Hespanhola*. Para o desenvolvimento das análises propostas, os principais aportes teórico-críticos e historiográficos são os textos de McNeill (1998), Sontag (2007), Foucault (2010), Benjamin (1989), Delumeau (1989) e Eco (1994).

Palavras-chave: literatura brasileira; gripe espanhola; epidemia; microparasitismo; macroparasitismo; Curitiba.

A piercing scream was heard: contagious unreasonings in Valêncio Xavier’s ‘O mez da gripe’

ABSTRACT. This article is aimed at analysing the relations between microparasitism and macroparasitism in the novella ‘O mez da gripe’, by Valêncio Xavier, originally published in 1981, whose major setting is the city of Curitiba in 1918, plagued by the Spanish flu. The kaleidoscopic polyphony in Xavier’s book, composed by a collage from several textual/imagetic genres (such as newspaper articles, official documents, old photographs, advertisements, obituaries), interpolated by fictional fragments, allows for the development of several layers of reading, including the perspective of the disease, and above all the epidemic ones, as a metaphor – of war, madness, abnormality, crime, in short, of ‘contagious unreasonings’ – which stands out as one of the most instigating ones. Thus, literary writing makes it possible to think about the unique condition of living in times of pandemic, what is accomplished by means of the analysis of some of the figures and characters in the work, such as the lone walker, Kaiser William II, the survivor Ms. Lúcia, Mr. Telêmaco Jardim, the madman Manoel de Campos, the victim Clara Heisler, the Mão Peluda, and the *Hespanhola* herself. For the development of the proposed analysis, the main theoretical-critical and historiographic contributions are the texts by McNeill (1998), Sontag (2007), Foucault (2010), Benjamin (1989), Delumeau (1989) and Eco (1994).

Keywords: Brazilian literature; spanish flu; epidemics; microparasitism; macroparasitism; Curitiba.

Received on April 2, 2021.

Accepted on May 4, 2021.

Introdução

Quando os casos de contaminação por uma ainda desconhecida doença que acometia as vias respiratórias começaram a se multiplicar em terras estrangeiras, uma boa parte da população brasileira acreditava que a epidemia jamais chegaria ao país, ou que o calor e a intensidade dos raios solares nos trópicos seriam suficientes para matar um microorganismo que parecia mais afeito a climas temperados. Nenhuma dessas crenças impediu que a doença infectocontagiosa, que acabou se tornando uma pandemia global, se infiltrasse também no Brasil, e a crise sanitária fosse, ainda, agravada por uma série de descuidos e ineficiências

governamentais no que dizia respeito às medidas necessárias à contenção da disseminação do vírus, bem como do devido controle e de formas de tratamento apropriadas das pessoas infectadas: houve, pelo contrário, entre nossas lideranças políticas, quem defendesse a ideia de que tudo aquilo não passava de uma gripezinha, que iria desaparecer espontânea e rapidamente sem causar maiores danos. Uma parcela significativa das elites econômicas foi igualmente contrária à implementação de medidas de isolamento como a quarentena, por temer o impacto da paralisação de atividades comerciais sobre seus lucros e investimentos, e o resultado foi uma catastrófica propagação da doença, sobretudo entre as classes menos favorecidas.

A descrição bem poderia remeter ao contexto de um ano atrás quando, em fins do verão de 2020, na sequência da folia carnavalesca, o Brasil foi tomado de assalto pela Covid-19, mas se refere, na realidade, à chegada e proliferação da chamada gripe espanhola no país, que ocorreu entre os meses de outubro e dezembro de 1918¹. Embora tenha se tratado de um surto epidêmico relativamente curto em termos de duração (inclusive, é claro, quando comparado com nossa grave e exasperante situação atual), a gripe espanhola deixou um rastro de destruição avassalador ao longo do território brasileiro, de norte a sul.

Enquanto escrevo esse artigo, ultrapassamos a espantosa cifra de 300 mil mortos por Covid-19 (com mais de 3.000 mortes diárias) no Brasil, considerado hoje por cientistas o maior epicentro da doença e de suas ainda mais resistentes e contagiosas mutações no mundo. Nesse cenário, em que somos solapados/as continuamente pela tragédia na realidade, como podemos contar com a ficção literária como meio para a necessária reflexão sobre o que significa viver em tempos de peste, e ainda resistir à escalada do autoritarismo político, às prerrogativas da máquina capitalista sobre as vidas humanas, à proliferação também de natureza viral/virulenta das *fake news*, ao negacionismo anticientífico, ao estado de guerra, à devastação ambiental? Não por acaso, em seu célebre ensaio ‘A doença como metáfora’, publicado originalmente em fins dos anos 1970, Susan Sontag já nos alertava acerca da necessidade de lembrarmos que, antes de tudo, a doença “[...] não é uma metáfora [...]” (Sontag, 2007, p. 5) – tampouco o são a miséria e a opressão de populações inteiras, ou a devastação incontrolada em escala planetária. Em contrapartida, é sob o denso “[...] feixe de metáforas [...]” (Sontag, 2007, p. 29) do literário que os vínculos entre o microparasitismo dos vírus e o macroparasitismo das experiências humanas no tempo, tal como observados por William H. McNeill em seu estudo fundamental sobre as epidemias históricas, ‘*Plagues and peoples*’ (McNeill, 1998), podem ser objeto de reflexão mais aprofundada, até mesmo na medida em que costumam ser negligenciadas pelos próprios historiadores, por se tratarem, aparentemente, de ligações fortuitas. Para McNeill, essas duas escalas de parasitismo estão “[...] conectadas por algo mais do que a retórica e a literalidade das pestilências que tantas vezes marcharam com e na esteira dos exércitos [...]” (McNeill, 1998, p. 73, tradução minha²), e aborda a analogia entre o modo parasitário dos microorganismos patogênicos e da humanidade na seguinte forma:

Microparasitas são organismos minúsculos [...] que encontram nos tecidos humanos uma fonte adequada de alimento para sustentar seus próprios processos vitais. Alguns microparasitas provocam adoecimento agudo, podendo matar o organismo hospedeiro após um curto período de tempo [...]. Entretanto, também há outros microparasitas que frequentemente alcançam relações mais estáveis com seus hospedeiros humanos. Não há dúvida que tais infecções retiram parte da energia corporal do hospedeiro, mas sem impedir seu funcionamento normal. Macroparasitas demonstram uma diversidade análoga. Alguns matam de uma vez [...]; outros permitem que o hospedeiro sobreviva indefinidamente.

Em tempos remotos, as habilidades e singularidades dos caçadores humanos sobrepujaram predadores rivais. Então, a humanidade alçou o topo da cadeia alimentar [...].

Mais tarde, quando a produção de alimento passou a se tornar um modo de vida para algumas comunidades humanas, um macroparasitismo modificado tornou-se possível. Um conquistador poderia confiscar o alimento daqueles que o produziram e, ao consumi-lo, tornava-se um novo tipo de parasita daqueles que trabalharam (McNeill, 1998, p. 24-25, tradução minha³).

Portanto, para McNeill, processos comuns às sociedades históricas, como o colonialismo, a escravidão, a guerra, o genocídio, a devastação ambiental, são derivações em larga escala desse ímpeto macroparasitário

¹ A comparação entre os contextos, os discursos e as práticas (oficiais, jornalísticas e de senso comum) que permearam as pandemias de gripe espanhola de 1918 e a de Covid-19 na atualidade, e que apontam para as assombrosas semelhanças entre os quadros de referência, é um dos aspectos de maior destaque no recente estudo de Lília Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling intitulado ‘A bailarina da morte’ (Schwarcz & Starling, 2020).

² [...] connected by more than rhetoric and the pestilences that have so often marched with and in the wake of armies.

³ Microparasites are tiny organisms [...] that find a source of food in human tissues suitable for sustaining their own vital processes. Some microparasites provoke acute disease and either kill their host after only a brief period of time [...]. There are, however, other microparasites that regularly achieve more stable relations with their human hosts. Such infections no doubt take something away from their host's bodily energies, but their presence does not prevent normal functioning.

Macroparasites exhibit similar diversity. Some kill at once [...]; others allow the host to survive indefinitely.

In very early times, the skill and formidability of human hunters outclassed rival predators. Humanity thus emerged at the very top of the food chain [...].

Later, when food production became a way of life for some human communities, a modulated macroparasitism became possible. A conqueror would seize food from those who produced it, and by consuming it himself become a parasite of a new sort on those who did the work.

original, de caráter predatório. Mais recentemente, em um de seus ensaios filosóficos sobre as estruturas de poder na contemporaneidade, dedicado a uma topologia da violência nos espaços sociais, Byung-Chul Han também aponta para as correspondências entre o *modus operandi* dos vírus e o que ele denomina de ‘violência macrofísica’, a qual perpassa, segundo o pensador sul-coreano, etapas tipicamente virais: ‘infiltração’, ‘invasão’ e ‘infecção’ (Han, 2017).

As categorias de micro e macroparasitismo, bem como suas imbricações, podem se constituir em elementos-chave para a análise de uma das novelas mais originais, no que se refere à sua construção formal, e mais injustamente ignoradas pelo público-leitor, da literatura brasileira: ‘*O mez da gripe*’, de Valêncio Xavier (1933-2008). Escrito em 1976 – ou seja, no apogeu do macroparasitismo dos ‘anos de chumbo’ no Brasil – e publicado em 1981 – um anagrama numérico que não deve ter passado despercebido pelo escritor, roteirista, diretor de TV e cineasta paulistano radicado em Curitiba – pela Fundação Cultural de Curitiba, o livro de Xavier só ganhou maior notoriedade quando republicado, em 1998, pela editora Companhia das Letras, conquistando, no ano seguinte, o Prêmio Jabuti de Produção Editorial. Esgotado há algum tempo, ganhou recentemente uma nova edição pela Arte & Letra, que coincidiu com a irrupção da Covid-19 no Brasil no primeiro semestre de 2021, e que mantém a ordenação tipográfica e imagética do original, tão necessária a uma apreciação adequada da criação textual-visual. Pois um dos mais importantes elementos em ‘*O mez da gripe*’ se encontra exatamente nesse experimentalismo de sua composição formal, que utiliza materiais documentais esparsos, como recortes de jornais, propagandas e decretos oficiais da época, mesclando-os a intervenções ficcionais em vozes narrativas diversas (algumas delas não tão facilmente identificáveis numa primeira leitura), resultando numa colagem caleidoscópica, cujo fluxo e cujos sentidos exemplificam aquilo que Umberto Eco definiu, em ‘Seis passeios pelos bosques da ficção’, como a “[...] máquina preguiçosa [do texto] pedindo ao leitor que faça uma parte do seu trabalho [...]” (Eco, 1994, p. 9), precisando ser continuamente preenchidos e redimensionados ao longo da leitura: pontos de vista, informações, temas, versões e temporalidades diversas alternam-se e entrecrocavam-se, num enredo sem uma fábula mais transparente.

Mas, como cogita Eco, nas mesmas Conferências Charles Eliot Norton que serviram de base para seu famoso ensaio, a respeito de ‘Sylvie’, “[...] se existem textos que só têm uma história e nenhum enredo, não será igualmente possível que alguns textos [...] tenham apenas um enredo e nenhuma história” (Eco, 1994, p. 43)? Então, após uma análise dos cenários oníricos e da discursividade polifônica da novela de Gérard de Nerval, o teórico conclui que o quadro de significados “[...] não está ‘nas’ palavras, mas ‘entre’ as palavras. Na verdade, é criado pela relação entre enredo e história, que comanda até as escolhas léxicas do discurso” (Eco, 1994, p. 49, grifos do autor). Proponho que o bosque de Valêncio Xavier – o bosque urbano atingido pela peste, a Curitiba do último trimestre de 1918 – possa ser considerado de forma análoga, na relação sutil entre enredo e história que se apresenta nesse livro de recortes, atravessada pelos imbricamentos contínuos entre micro e macroparasitismo, suas metáforas e personagens: a *Hespanhola*, o Kaiser Guilherme II, o Mão Peluda, o louco Manoel de Campos, a sobrevivente D. Lucia, a vítima Clara Heisler, o sr. Telêmaco Jardim, o caminhante solitário.

Um flâneur na cidade vazia e as desrazões contagiosas

Um homem caminha pelas ruas vazias da cidade: “Um homem eu caminho sozinho/ nesta cidade sem gente/ as gentes estão nas casas/ a gripe” (Xavier, 2020, p. 9).

A partir dos espaços vazios de uma ‘cidade sem gente’, assolada pela peste, o narrador inicia seu álbum de recortes em forma de colagem, caleidoscópio, quebra-cabeças, palimpsesto, preenchendo as lacunas com trechos, pedaços, fragmentos e citações esparsas. Como nos mostra Renato Cordeiro Gomes acerca dos modos de construção plástica do ‘livro de registro’ da cidade enquanto tessitura da linguagem, o “[...] texto é constituído [...] por um conjunto desordenado em que convivem, em tensão no contexto para onde foram deslocados, citações de universos culturais não acopláveis [...]” (Gomes, 1994, p. 27), os quais, antes de consentir a uma interpretação totalizante, apresentam-se à leitura como indícios – ainda que perpassados por certa opacidade – para o desvendamento de uma trajetória simultaneamente coletiva (‘as gentes’) e individual (‘um homem eu’).

Na página de abertura da primeira parte de ‘*O mez da gripe*’⁴, de fato, o discurso do eu, voz narradora e personagem, soma-se a outras duas referências documentais: a primeira, extraída de um recorte de jornal,

⁴ ‘*O mez da gripe*’ divide-se em três partes. Como o álbum de recortes organiza-se em ordem cronológica, constitui-se numa espécie de diário, e cada uma dessas partes corresponde aos meses (outubro, novembro e dezembro) de deflagração, proliferação e declínio da epidemia na cidade de Curitiba, em 1918. Os subtítulos de cada uma das partes são, respectivamente, ‘Alguma coisa’, ‘*O mez da gripe*’ e ‘A última letra do alfabeto’ (Xavier, 2020).

intitulado ‘A paz está interrompida’, alude à entrada dos EUA na Primeira Guerra; o segundo, proveniente de um relatório do Dr. Trajano Reis⁵, diretor do Serviço Sanitário, explica a chegada da pandemia no Paraná durante o casamento da filha de um comerciante sírio em Paranaguá, para o qual foi convidada parte da comunidade síria do Rio de Janeiro, sendo que alguns desses hóspedes já estavam contaminados, transmitindo a moléstia à população local⁶ (Figura 1). Tal combinação de elementos estabelece os nexos entre o individual (a perspectiva do caminhante solitário) e o coletivo (a guerra, o acontecimento social), mas também anuncia a tensão entre o ‘familiar’ e o ‘desconhecido’, o ‘estrangeiro’ ou o ‘outro’, tão frequente em tempos de peste.

O fato de muitas das doenças infectocontagiosas ganharem denominações imprecisas ou mesmo errôneas, mas que acabam por se popularizar em determinados momentos ou para a posteridade, baseadas em gentílicos (gripe espanhola, suor inglês), lugares (ebola) ou grupos/identidades sociais, notadamente aqueles/as marginalizados/as (câncer gay, a primeira denominação popular da Aids), já é um indício da tendência, no âmbito das mentalidades coletivas, em associar as pestilências ao outro, ao estrangeiro, ao distante e ao desconhecido, inclusive como forma de culpabilização e de marcação do ‘bode expiatório’.

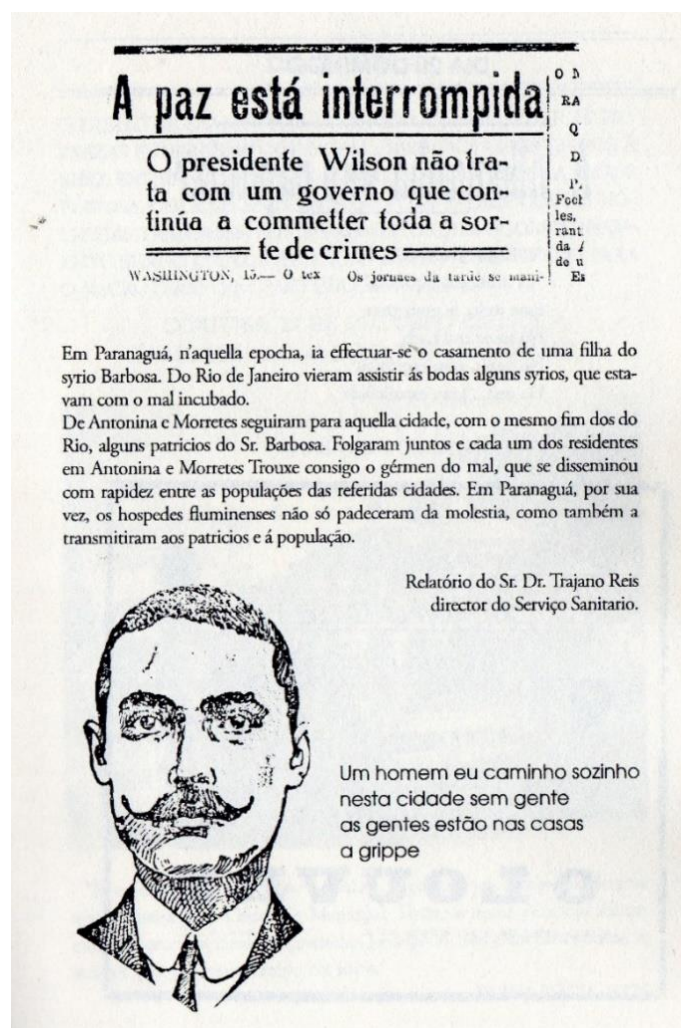


Figura 1. Página inicial de ‘O mez da gripe’ (Xavier, 2020, p. 9).

As associações entre o processo biológico de proliferação dos microorganismos e os conflitos de ordem sócio-histórica, abordadas por McNeill a partir das categorias de micro e macroparasitismo, tampouco passaram despercebidas por Sontag (2007), que as analisa sob duas perspectivas. Em primeiro lugar, remeteriam às metáforas de natureza bélica, as quais, segundo a ensaísta, começaram a ter um emprego mais

⁵ Trajano Joaquim dos Reis (1952-1919) foi, efetivamente, durante um período de mais de três décadas, o diretor geral da Inspetoria de Higiene no Paraná. Seus comunicados nos jornais, durante os meses do surto da *hespanhola* em Curitiba, eram quase diários, o que provavelmente foi um fator importante no trabalho de prevenção e combate à gripe na cidade. Cf. Lara (2018).

⁶ Sabe-se que a gripe espanhola chegou ao Brasil no mês de setembro de 1918, trazida num navio postal britânico, o *Demerara*, proveniente de Liverpool com destino a Buenos Aires, e que fez escala em Lisboa antes de aportar, sucessivamente, em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos, seguindo para Montevidéu. Desde a primeira escala no Brasil, no porto de Recife, já se tinha notícia de passageiros e tripulantes combatidos a bordo. Sobre a chegada da gripe espanhola no Brasil, cf. Spinney (2017, p. 47-49); Schwarcz e Starling (2020, n.p.).

amplo a partir do final do século XIX, quando as bactérias, que começaram a ser identificadas como agentes de diversas enfermidades contagiosas, são concebidas como agentes ‘invasores’ ou ‘infiltrados’, que derrubam as ‘defesas’ do organismo e, portanto, “[...] a doença em si é considerada como o inimigo contra o qual se trava uma guerra” (Sontag, 2007, p. 52). Na distopia apocalíptica ‘O último homem’ (1826), de Mary Shelley, a proliferação da praga de origem egípcia que acaba por extinguir a humanidade se dá no decorrer de uma guerra greco-síria, durante o cerco a Constantinopla, e, na chegada do protagonista-narrador ao campo de batalha, a visão da mortandade em massa no ocaso de um dia de sol antecipa a carnificina, a longa noite, por vir:

Um sem número de capacetes, baionetas e espadas caídos de corpos sem vida refletiam os resquícios da luz, espalhados a perder de vista [...]. O sol se pôs [...]. Olhei para a terra cheia de cadáveres e senti-me envergonhado de minha espécie (Shelley, 2020, p. 222).

Assim, a visão dos corpos chacinados na ofensiva militar alude ao analogismo entre o contexto macroparasitário de guerra e o contexto microparasitário de peste como dotados de uma exacerbação da morte – e de uma única *causa mortis* – como destino coletivo.

No caso de pandemias como a gripe espanhola, que coincide historicamente com o desenrolar de uma guerra de grandes proporções, essa associação metafórica se redimensiona, em seus esquemas retóricos, pela contiguidade aos fatos concretos. Em ‘*O mez da gripe*’ (Xavier, 2020), a figura do Kaiser Guilherme II, o inimigo por excelência face ao contexto da Primeira Guerra, é a representação dessa metáfora, reiterada continuamente na forma de bombásticas manchetes jornalísticas dispostas ao longo do volume – “[...] o Kaiser vai ser deposto [...]” (Xavier, 2020, p. 26), “[...] o Kaiser caput... [...]” (Xavier, 2020, p. 35), “[...] o Kaiser abdicou e o Kronprinz também não quis [...]” (Xavier, 2020, p. 44), “[...] os holandeses odeiam o Kaiser [...]” (Xavier, 2020, p. 58), “[...] o Kaiser vae acabar no hospício [...]” (Xavier, 2020, p. 61) – que culminam, como se pode esperar, na associação explícita pela via da sátira amorosa: “[...] o Kaiser está com hespanhola” (Xavier, 2020, p. 62).

No entanto, nos lembra Sontag, nem sempre a metáfora percorre as trilhas mais seguras da identificação a um inimigo externo ou estrangeiro, que apelam ao nacionalismo e à sua contraparte, a xenofobia. Pelo contrário, desde tempos remotos as doenças de caráter epidêmico foram “[...] uma figura de linguagem comum para designar a desordem social [...]” (Sontag, 2007, p. 46), e disso recorre a antiga associação que nas sociedades cristãs é referenciada fundamentalmente pela exemplaridade bíblica entre a peste (ou a praga) e o castigo divino, tão explorados pela doutrina e tão expressivamente figurados pelas artes visuais no ocidente, e que promoveram, nos tempos da peste negra, o culto a santos como São Sebastião e São Roque na piedade popular. Essa prática histórica da invocação a Deus contra a peste, como modo de expurgar os pecados da comunidade e o caos social tornou-se, como sabemos, um dos motivos centrais na ficcionalização literária das pandemias, sendo a passagem do sermão do padre Paneloux em ‘A peste’ (Camus, 1973, p. 55-59) um dos exemplos mais lembrados pela crítica.

Em ‘*O mez da gripe*’, o motivo da invocação mediada pelos santos padroeiros apresenta-se no recorte de jornal referente ao dia 28 de outubro, no qual se lê que, no dia seguinte, seriam celebradas “[...] duas missas, a São Roque e a São Sebastião, às 8 e às 8 ½ horas, na Cathedral – afim de que a epidemia não nos afflija. São portanto, convidadas todas pessoas que a esse acto queiram comparecer” (Xavier, 2020, p. 27). Sob esse âmbito, a culpabilização da peste se desloca do exterior para o interior: o inimigo encontra-se mesclado ao corpo social, e é nele que o pecado – o alvo das setas da punição divina – se encontra. Segundo o historiador francês Jean Delumeau, nas epidemias dos séculos XIV a XVIII, depois do antissemitismo e da xenofobia, há um

[...] t]erceiro degrau na escala acusadora: a identificação dos culpados no próprio interior da comunidade [cristã] atormentada pela contaminação. Qualquer um, a partir daí, pode ser considerado como um inimigo [...]. Assim, não ocorreu outrora nenhuma epidemia sem a crença em uma quinta-coluna e em um complô no interior dos muros (Delumeau, 1989, p. 142-143).

Identificar e reprimir os ‘semeadores da peste’ passa a ser, então, visto como uma necessidade para a sobrevivência da comunidade, o que explica, em grande parte, por exemplo, a ascensão da caça às bruxas na era moderna.

Um homem caminha pelas ruas vazias da cidade. É um *flâneur* peculiar, de uma multidão agora invisível: “[...] as gentes estão nas casas/ a gripe” (Xavier, 2020, p. 9). A respeito a figura do *flâneur* em Poe, sobretudo no conto ‘O homem das multidões’ (1840), Walter Benjamin nos mostra como essa personagem, num contexto em que o desenvolvimento da sociedade capitalista e da consequente urbanização do ocidente faz da multidão um dos seus aspectos ameaçadores – “[...] a massa desponta como o asilo que protege o antissocial contra os

seus perseguidores [...]” (Benjamin, 1989, p. 38) – está na origem do detetive dos romances policiais, alguém cuja aparente ociosidade “[...] esconde a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor” (Benjamin, 1989, p. 38). Mas, segundo Benjamin, se no romance-folhetim ‘Os moicanos de Paris’ (1854-1859), de Dumas, essa associação entre o *flâneur* indolente e o detetive sagaz em busca de pistas pela cidade é nítida e unívoca, em Poe torna-se borrada e é relativizada: quem é o *flâneur*, o perseguidor ou o perseguido? Suprimido o “[...] invólucro que representa o crime [...]” (Benjamin, 1989, p. 45), a quem se dirige, afinal, o qualificativo de ‘gênio do crime’ que se encontra no desfecho do conto, ou tal gênio seria, ao fim e ao cabo, a natureza da própria multidão? Benjamin observa que, diferentemente da interpretação mais direta de Baudelaire (o desconhecido é o *flâneur*, o *flâneur* é o homem das multidões, o homem das multidões é o criminoso nato), a descrição que Poe faz dessa figura seria mais ambígua:

Para Poe, o *flâneur* é acima de tudo alguém que não se sente seguro em sua própria sociedade. Por isso busca a multidão; e não é preciso ir muito longe para achar a razão por que se esconde nela. A diferença entre o antissocial e o *flâneur* é deliberadamente apagada em Poe (Benjamin, 1989, p. 45).

Se no motivo da *flânerie* da literatura oitocentista “[...] é a multidão que sobressai [...]” (Benjamin, 1989, p. 45-46), que promove o fascínio e a imersão do indivíduo antissocial no oceano turvo de seu anonimato, em ‘O *mez da gripe*’ é na deambulação pela cidade vazia que se encontra o ponto de partida para o crime. A princípio, poderia sugerir que o *flâneur* não teme o contágio ou a morte, como o “[...] povo [que] se achava aglomerado em frente ao botequim [...]” (Xavier, 2020, p. 12); entretanto, logo em seguida o fio de seus rastros – pois, a essa altura já compreendemos que a folha de papel em branco preenchida pelos recortes e fragmentos aparentemente desconexos é a representação desse itinerário pedestre – lança uma luz insuspeita sobre seu ponto de vista: “...Positivamente a vida humana não vale um caracol [...]” (Xavier, 2020, p. 12).

Quando a peste assoma à cidade, a vida passa a ser imensamente mais frágil, e sua defesa mais difícil. A ‘*hespanhola*’ se torna o criminoso a não ser nomeado, atualizando antigas interdições do comportamento coletivo em tempos de epidemias⁷. Não por acaso, nesse momento, os textos jornalísticos (do ‘Diário da Tarde’ e do ‘Commercio do Paraná’) ganham relevo e significado, não apenas por representarem posicionamentos político-ideológicos diversos, mas, principalmente, por remeterem a esse poder do interdito, que beneficia o vírus assassino e multiplica suas vítimas. Assim, enquanto a matéria sobre ‘a influenza’ em Curitiba no ‘Diário da Tarde’ (Xavier, 2020) é censurada de cabo a rabo (supostamente a mando das autoridades sanitárias), deixando em sua primeira página boa parte da mancha tipográfica em branco (Figura 2), na folha rival uma incompletude similar mas de outra natureza é explicada, na edição seguinte, com uma negativa editorial pouco convincente:

NÓS E A ‘INFLUENZA’

A nossa edição de hontem saiu muito aquem da expectativa, devido a uma interrupção inesperada do trabalho em consequencia de terem adoecido operários da secção de composição [...].

Esse facto suscitou hontem em certas rodas, commentarios ironicos em torno da nossa attitude em relação á epidemia da ‘grippe espanhola’, dizendo-se abertamente que a molestia invadira a nossa tenda para obrigar-nos á uma formal retratação.

Não obstante, continuamos firmes em nossa attitude pela razão de não ter sido de ‘grippe espanhola’ verificado ainda um só caso n’esta capital, tratando-se de simples grippe [...] (Xavier, 2020, p. 20, grifos do autor).

Há um momento, é claro, em que não é mais possível evitar chamar o contágio pelo seu nome, e o pânico toma a cidade se assalto: a ‘*hespanhola*’ corporifica-se, não raro na figura de uma mulher ‘fatal’. O recorte da coluna Vida Social do ‘Commercio do Paraná’ de 27 de outubro traz o seguinte comentário: “A influenza hespanhola e o amor seria uma tese psychologica magnifica para ser desenvolvida por um Paul Bourget de fancaria que se atormentasse num eterno sonho de duquezas e condessas, pallidas e loiras, muito loiras e frias...” (Xavier, 2020, p. 23). Como se saída da imaginação de um escritor de romances psicológicos, a Hespanhola pálida e fria se enlaça à sua vítima e a lança numa espécie de langor amoroso, de sonhos inquietantes e febris, que frequentemente levam ao túmulo, ou ao manicômio. Sendo ela própria permeada pelas desrazões afeitas a seu microparasitismo, que a tornam imprevisível e incognoscível por seus contemporâneos, seu legado parece ser o de multiplicar essa sua natureza através da comunidade assolada, e aqueles que não sucumbem à morte acabam por sucumbir à loucura.

⁷ Um dos comportamentos coletivos bastante comum em tempos epidêmicos, ainda segundo o historiador Jean Delumeau, é exatamente este da “[...] recusa das palavras vistas como tabus [...]” (Delumeau, 1989, p. 119), notadamente o nome da doença em questão – ou sua substituição por alternativas mais tranquilizadoras, como outros diagnósticos mais brandos, pois acreditava-se que nomear o mal servia para atraí-lo. Crença semelhante é aquela de que o medo do contágio seria um fator igualmente decisivo para se contrair a peste.



Figura 2. Censura no Diário da Tarde (Xavier, 2020, p. 13).

Toda narrativa de uma pandemia é, em algum grau, o relato de um pandemônio: estar no centro do inferno, o lugar onde a confusão, a desordem, a desorientação são as regras. A peste e a morte caminham juntas, mas o mesmo se pode dizer da relação entre a peste e a loucura. Analisando o ‘Diário do ano da peste’, de Defoe, ‘repleto de cenas alucinantes e de anedotas perturbadoras’, bem como ‘a evocação da violência, do sofrimento, do sadismo, da demência e do macabro’ que se tornou uma constante na arte europeia do medievo tardio, entre outros exemplos, Delumeau observa que “[...] uma população acometida pela epidemia era espreitada pela loucura [...]” (Delumeau, 1989, p. 130), e que isso pode se traduzir tanto por gestos individuais aberrantes quanto por surtos coletivos – em última análise, uma loucura também contagiosa como a própria peste. Em todo caso, seu registro (assim como o do martírio das vítimas fatais da doença) depende, evidentemente, do testemunho dos sobreviventes: neles buscamos a razão na desrazão, a ordem no caos, a explicação para o inexplicável.

Em ‘O mez da gripe’, esse testemunho ‘confiável’ não estará a cargo do caminhante solitário, mas de outra personagem ficcional, D. Lúcia, sobrevivente da epidemia de 1918, cujo depoimento sobre aquele fatídico fim de ano, supostamente recolhido em entrevista 58 anos depois, em 1976, é esgarçado em breves fragmentos ao longo das páginas do livro. Em um desses trechos, ela comenta: “Muita gente ficou com o juízo abalado. Por causa da febre forte dias e dias. Mesmo muito tempo depois da gripe encontrava-se gente que nunca mais recuperou a razão, pro resto da vida” (Xavier, 2020, p. 28).

Se o livro-colagem de Valêncio Xavier se constitui, de fato, num desses exemplos de um enredo aparentemente sem história (ou sem fábula), como propôs Eco (1994), muitas das relações que se encontram no limiar das palavras esboçam fábulas da loucura, criando uma segunda ordem de leituras para a gripe espanhola, que se imbrica em vários dos seus níveis à primeira e mais evidente – da peste como guerra e, consequentemente, como ato de violência em massa. Este segundo patamar é, ainda mais do que o primeiro, da ordem do inquietante, no sentido freudiano do *Unheimlich* (Freud, 2010): o que é simultaneamente infamiliar (como suspensão da ‘normalidade’) e familiar (no sentido da proximidade ao ponto do logro). Por isso a tensão, ao longo do livro, se direciona do ‘distante’ – a guerra, a epidemia em terras estrangeiras – ao ‘próximo’ – a loucura no interior do tecido social, a epidemia quando desemboca na ainda provinciana Curitiba de fins de 1918. São essas ‘fábulas de desrazões contagiosas’, ocultas sob a onipresença da peste, o verdadeiro objeto do testemunho de D. Lúcia (que, como seu nome sugere, ‘ilumina’ os pontos obscuros das narrativas), a narradora confiável.

Em um de seus célebres cursos ministrados do Collège de France (este, entre 1974 e 1975), depois transcrito e publicado no volume ‘Os anormais’, Michel Foucault (2010) analisa a transição da Era Moderna (séculos XV-XVIII) como portadora de uma alteração significativa entre dois modelos de controle social, de um modelo de ‘exclusão’, que se baseava no exílio imposto aos leprosos, para um modelo de ‘inclusão’, ‘fixação’ e ‘controle’, baseado nas quarentenas durante os períodos de peste. Segundo o filósofo francês:

Parece-me que, no fundo, no que diz respeito ao controle dos indivíduos, o Ocidente só teve dois grandes modelos: um é o da exclusão do leproso; o outro é o modelo da inclusão do pestífero. E creio que a substituição, como modelo de controle, da exclusão do leproso para a inclusão do pestífero é um dos grandes fenômenos ocorridos no século XVIII. Para lhes explicar isso, gostaria de lembrar como se instituía a quarentena de uma cidade, quando a peste nela era declarada. Claro, circunscrevia-se [...] certo território: o de uma cidade, eventualmente de uma cidade e seus subúrbios, e esse território era constituído como território fechado. [...] esse território não era o território confuso para o qual se repelia a população da qual a cidade deveria se purificar. Esse território era objeto de uma análise sutil e declarada, de um policiamento minucioso [...]. Não se trata de uma exclusão, trata-se de uma quarentena. Não se trata de expulsar, trata-se ao contrário de estabelecer, de fixar, de atribuir um lugar, de definir presenças, e presenças controladas. Não rejeição, mas inclusão (Foucault, 2010, p. 38-39).

Para Foucault, o desenvolvimento desse novo modelo de controle, e sua cristalização como dispositivo de poder, dependeu da formação de três figuras, cada uma delas correspondente a um grau e um âmbito no amplo domínio das ‘anomalias’ que se contrapõem à ordem social: o ‘monstro humano’, o ‘indivíduo a ser corrigido’, o ‘masturbador’. O primeiro seria aquele/a que promove um deslizamento das concepções tradicionais de monstro no interior de um complexo jurídico-natural – a aberração das leis da natureza que consequentemente constitui-se também como embaraço das leis humanas ou divinas – para sua circunscrição sob um complexo jurídico-moral: a monstrosidade de conduta, a crueldade, a criminalidade intrínseca e irremediável, que têm como únicos destinos possíveis a prisão, o manicômio ou o cadafalso. Já o indivíduo a ser corrigido é a derivação amenizada do monstro, sujeito às agências de disciplinamento modernas. Sua existência se encontra no limiar entre sua constituição como sujeito de direito e sua interdição, momento em que se assume que o tal indivíduo a corrigir seria, afinal, incorrigível. Finalmente, o onanista, ou a criança masturbadora, aquele ‘anormal’ comuníssimo, alvo do escrutínio e disciplinamento do corpo e de seus prazeres em prol da ordem utilitarista no âmbito da modernidade, cujos desejos reprimidos retornam como pecado, transgressão ou perversão.

São três as histórias que, sob o diapasão das desrazões contagiosas, e de acordo com o modelo de interiorização pestífera dos dispositivos de poder e da constituição de tais insanos (no sentido mesmo de sua contraposição à sanidade, que é igualmente um dos aspectos fundamentais das experiências coletivas em tempos de peste), cujas genealogias são apresentadas por Foucault em seu curso, se configuram e se conectam na novela de Xavier. A primeira delas é a que se apresenta de forma mais ostensiva aos/às leitores/as em seu fluxo, desdobramentos e desfecho. Ainda na primeira parte do livro, em entrada de 29 de outubro – que trata da suspensão das visitas aos internos (Xavier, 2020, p. 28) –, somos apresentados/as ao Hospício N. Sra. da Luz, o qual, de acordo com Ouyama (2006), foi a primeira instituição penitenciária manicomial de Curitiba, fundada em janeiro de 1909, após um acordo entre o governo do Paraná e a Santa Casa de Misericórdia para a utilização judiciária do espaço. Misto de instituição jurídica e psiquiátrica, portanto, o hospício é o espaço por excelência de contenção do ‘monstro humano’ foucaultiano, o indivíduo cuja natureza é justamente a de ser uma contranatureza, o criminoso patológico. Para Foucault, essa personagem, a partir do contexto da Revolução Francesa, é a combinação do déspota sanguinário e depravado com o revolucionário antropófago (Foucault, 2010), e se torna não raro o bicho-papão em sua comunidade de origem. Em ‘*O mez da gripe*’, essa personagem (que adiante irá se revelar como o interno Manoel de Campos) aparece pela primeira vez na cena que se encontra imediatamente acima da fotografia do Hospício N. Sra. Da Luz: “No jardim o Hospício tinha umas pereiras, brancos os pés, pintados de cal. Não adiantava, lugar úmido, sempre cheio de lesmas. O louco comia pêra com lesma, ficava horas mastigando fruta e bicho, olhando, olhando com aqueles olhos...” (Xavier, 2020, p. 28).

Nesse fragmento ficcional, Xavier utiliza a prolepse como estratégia narrativa, de modo a estabelecer a imagem fixada do monstro, que seria, como define Foucault, da ordem do essencialismo. Sua (contra)natureza de bicho faz da devoração das lesmas uma espécie de canibalismo simbólico, que antecipa seus atos sanguinários à frente; sua resistência à ordem impregna até os espaços que habita, cuja umidade pútrida se mantém a despeito das tentativas saneadoras, expressas no cuidado de cair a base das árvores. Esse bicho-homem, o monstro, é simultaneamente o “[...] portador de todo esse arcaísmo fundamental de antes da sociedade [...]” e, “[...] ao mesmo tempo, um indivíduo contrário à natureza” (Foucault, 2010, p. 77). Seu processo de degeneração racional, que é também um processo de degeneração moral, acompanha, na economia do

texto, os horrores da guerra e o avanço do contágio microparasitário, e seu delírio interior – “Mão peluda acuda acuda acuda/ cuda cuda cuda cuda cuda/ cuda mãe cuda mãe cuda mãe [...]” (Xavier, 2020, p. 56); “Lá em cima se confere os pecados aqui em baixo/ ferro e sangue allamão mão mão mão peluda/Liiaaahaaahhh [...]” (Xavier, 2020, p. 59) – alude ao ‘ferro e sangue allamão’ nas mãos das tropas aliadas, mas também reverbera a febre delirante dos moribundos – “Coifa branca, camisolão, a muleta é foice que ceifa mil milhões de cabeças. Anjo exterminador” (Xavier, 2020, p. 49). As fantasmagorias da desrazão evocam, ao mesmo tempo, a Ceifadora, o Anjo Exterminador do livro do Êxodo, o Mão Peluda⁸: imagens do castigo aplicado às transgressões, necessários ao expurgo social e retorno triunfante, após o sacrifício de umas tantas vítimas, à ‘normalidade’.

Pois, por fim, o auge da propagação epidêmica (em fins de novembro) coincide com um crime horrendo e brutal, o assassinato de quatro pessoas, reduzidas à umidade repugnante de sangue e miolos, rastros de lesmas como aquelas das peras:

Um grito lancinante foi ouvido./ Um grito lancinante foi ouvido./ Um grito lancinante foi ouvido [...]. Pedaco branco de miolo escorrendo pela parede. Como um verme, igual a um verme descendo pela parede deixando uma baba de rastro, como uma lesma (Xavier, 2020, p. 60).

Dias depois, enquanto a virulência da espanhola começava a perder forças, os jornais noticiavam o surto assassino de Manoel de Campos, recluso ‘apalermado’ do hospício, durante um surto exaltado “[...] pela febre alta e todos os demais symptoms da terrível enfermidade” (Xavier, 2020, p. 69).

Como ‘monstro humano’ já diagnosticado e recolhido à prisão manicomial, os crimes de Manoel de Campos circunscrevem-se ao espaço limitado do hospício, embora agravados pelo delírio. No entanto, nos lembra Foucault, o processo de formação da modernidade, que não por acaso coincide com a formação da família nuclear burguesa, e com a ascensão da psiquiatria como saber científico acoplado ao sistema médico-legal, perpassa a problemática da identificação e controle de indivíduos potencialmente ‘perigosos’ que não fossem necessariamente os ‘alienados’. É nesse contexto (sobretudo a partir dos séculos XVIII-XIX, mas que resultam em concepções e práticas muito mais recentes), portanto, que as atenções se voltam para o sujeito ‘anormal’ imerso no corpo social: o homem da multidão da ficção detetivesca.

Voltamos ao conto de Poe e à figura do *flâneur*. De fato, deixamos nosso *flâneur* algumas páginas atrás em meio à sua deambulação pelas ruas vazias da Curitiba dos meses da gripe, e é hora de voltarmos a ele. Seria verossímil que, em suas andanças, ele tivesse se deparado com o sr. Telemaco Jardim, desaparecido de casa em meio a uma crise de nervos. Na edição de 21 de novembro, o ‘Diário da Tarde’ noticiou:

FUGIO NO DELIRIO DA FEBRE
E NINGUEM O ENCONTRA

Noticiamos ha dias que o sr. Telemaco Jardim em um momento de crise nervosa ocasionada pella gripe de que estava acometido, fugiu de sua residência á rua Carlos de Carvalho n. 8, tendo a familia do enfermo solicitado os officios da policia para descobrir-lhe o paradeiro.

Entretanto, dias já se passam e não obstante os esforços empregados pela Inspectoria de Agentes e por pessoas amigas, o desventurado moço não é encontrado [...] (Xavier, 2020, p. 55).

Dias mais tarde, o mesmo jornal noticia a dimensão amplificada da tragédia que se abateu sobre a família Jardim: a fuga do sr. Telemaco teria sido motivada pela morte de seu filho, vítima da gripe. Então, “[...] atacado também do mal, [o sr. Telemaco] abandonou o lar e se foi deixar morrer, abandonado e só á beira da Cascatinha de santa felicidade” (Xavier, 2020, p. 61). Nessa mesma nota, o jornal noticia, ainda, o recente falecimento de Josefina, a primogênita do desafortunado chefe da “[...] distinta familia Jardim [...]” (Xavier, 2020, p. 61), com sete anos de idade.

Apenas esboçada em ‘*O mez da gripe*’, nestas duas notícias do ‘Diário da Tarde’, a história do sr. Telemaco Jardim constitui-se em uma das diversas micronarrativas do livro em que se enlaçam a peste e a insanidade, ou em que se reconhece no estado pestífero ‘a normalização da anormalidade’, bem como sua permanência no futuro (sob esse prisma, o sr. Telemaco só poderia vir a ser, caso sobrevivesse, um ‘anormal incorrigível’). Algumas dessas micronarrativas são objetos da rememoração de D. Lúcia, entre elas a de duas mulheres loiras: Clara Heisler, encontrada junto com o marido, ambos moribundos, em casa, e que, levada ao hospital, acabou por falecer; e uma mulher solteira anônima, que sobreviveu à gripe, “[... c]asou, teve filhos, mas nunca mais ficou certa da cabeça [...]” (Xavier, 2020, p. 72), “[...] até que, um dia, tomou o veneno na rua, morreu, acharam ela já morta. Foi muito tempo atrás, acho que foi lá por 30” (Xavier, 2020, p. 71).

⁸ Nesses fragmentos, Valêncio Xavier parece se referir à personagem do folclore brasileiro que é registrada por Câmara Cascudo sob o epíteto ‘Mão-de-Cabelo’: “Entidade fantástica, de forma humana e esguia, tendo as mãos constituídas de fachos de cabelos. Anda envolta em roupagem branca. É o espantinho das crianças do sul da província de Minas Gerais” (Cascudo, 2000, p. 548).

A peste, em suas desrazões contagiosas, cria a anormalidade incorrigível sob as bases supostamente consolidadas das instituições de disciplinamento e de biopoder, da família, da educação e da ordem social. Mais ainda, como sabemos, o duplo da peste, e de seu microparasitismo, é o macroparasitismo das ações humanas. Já comentamos acima que, em ‘*O mez da gripe*’, o macroparasitismo e suas metáforas se referem, mais claramente, à guerra (o avanço bélico sobre o inimigo, a mortandade unívoca, o estado de sítio). Entretanto, em outra camada de leitura, o macroparasitismo é um relato de estupro, associação nada fortuita: o estado de languidez e ardência da febre, a atmosfera penumbrosa do quarto dos convalescentes, a própria tradição das ficções literárias sobre ‘doenças do peito’ como a tuberculose – que Sontag analisa em ‘*A doença como metáfora*’ (2007) – têm certa conotação claramente erótica, e não é surpreendente que, nesse sentido, o desvio da normalidade seja ressemantizado através do desvio sexual.

Um *flâneur* caminha pelas ruas da cidade e ele é, afinal, também o anormal, a criança masturbadora que é o alvo da intensificação irrestrita do controle do corpo-carne a partir do século XVIII, processo que teria incentivado, segundo Foucault (2010), tanto a consolidação da família nuclear burguesa em detrimento da família relacional mais ampla, quanto o desenvolvimento das demais instâncias modernas do biopoder: a educação, a medicina, o estado, o sistema jurídico. O filósofo francês examina suas origens nas técnicas de confissão e exame de consciência cristãs, sobretudo diante do corpo convulso do/da possuído/a. Não por acaso, o estrato mais subterrâneo, mas também o mais essencial, de ‘*O mez da gripe*’ é, afinal, uma confissão, dispersa por 20 entradas/estrofes entre os recortes variados; a confissão de um estuprador-macroparásita, que se esgueira invisível e sorrateiro como um vírus, imprimindo suas marcas no corpo das suas vítimas (pelo menos duas: a alemã Clara Heisler e a mulher anônima que se suicida nos anos 1930) como uma doença ou como um vampiro⁹ – “[...] a suave curva do ventre e/ meus dedos percorrem tremulos [sic] a/ copa de seus pentelhos, sugo seu/ pescoço: uma mancha vermelha que depois/ será roxa, suas mãos os dedos se erguendo/ com meu forte apertar,/ novamente a fonte do amor” (Xavier, 2020, p. 51). Em uma dessas entradas, o fragmento remete à imagem que se encontra imediatamente abaixo na página, do Xarope de Grindelia de Oliveira Junior, uma das inúmeras panaceias para os males do peito anunciadas naqueles dias, estabelecendo de forma precisa essa conexão metafórica entre a enfermidade e a sexualidade (Figura 3), com as figuras equívocas da mulher-paciente acamada e o homem-médico de pé diante de si. O eu-lírico desse longo poema, o *flâneur* solitário, o detetive que compila os indícios de uma dada cronologia, encontra, afinal, em seu périplo, a si mesmo: o gênio do crime, o homem da multidão na cidade empestada, o invasor, o parasita.

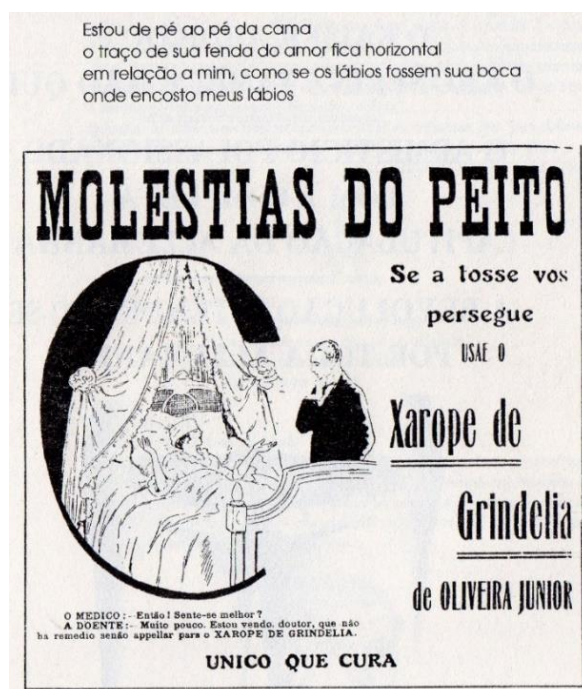


Figura 3. Fragmento do poema do estuprador e propaganda do Xarope de Grindelia (Xavier, 2020, p. 43).

⁹ A análise específica do poema do estuprador em ‘*O mez da gripe*’, devido à extensão, fugiria do escopo deste artigo. Ela já foi feita em outro artigo recente, de Rocha e Costa (2020), mas, a meu ver, os autores incorrem em um equívoco, ao confundir o que parece ser, numa primeira leitura, uma única mulher loira, mas que, numa leitura mais atenta, distingue-se em diferentes mulheres, e pelo menos duas prováveis vítimas do estuprador: Clara Heisler (a mulher casada, que morre de gripe espanhola) e a loura inomeada (a mulher solteira, que sobrevive à gripe mas suicida-se anos mais tarde).

Considerações finais

Entre o início da escrita deste artigo e o seu final, precisei retornar algumas vezes a um dado que se encontra nos parágrafos iniciais, acerca do número total e do número diário de mortos por Covid-19 no Brasil e, entre tantas dificuldades de se escrever um artigo sobre uma grande pandemia em tempos de outra grande pandemia, talvez essa tenha sido uma das mais dolorosas. Mas, se o nosso objeto de estudo de toda uma vida – a literatura – jamais se absteve de pensar o tempo e as condições humanas, o cotidiano e o absurdo, a doença e suas metáforas, esse é, sem dúvida, o momento fulcral para nos debruçarmos sobre o tema. De fato, não raro a imaginação literária abarcou essas questões claramente (por vezes até profeticamente); o célebre discurso de Tarrou em ‘A peste’, de Camus, possivelmente a obra ficcional mais acabada sobre o tema, é um verdadeiro ensaio sobre a vivência da peste, e traça essa associação entre micro e macroparasitismo, tratada aqui, de maneira exemplar:

[...] ‘Tenho vergonha há muito, vergonha enorme de ter sido, embora de longe, embora com boa vontade, um assassino também. Depois notei que até os melhores não poderiam deixar de matar, ou consentir que matassem’ [...]. ‘Assim, esta epidemia em nada me ensina; sei que, junto a você, devo combatê-la [...]. Sei de ciência certa que [...] trazemos conosco a peste e ninguém, ninguém no mundo está livre dela. E precisamos vigiar-nos sem descanso para em descuido momentâneo, não respirar na cara do outro e levar-lhe a infecção. O que é natural é o micróbio. O resto, saúde, integridade, limpeza, o que você quiser, tudo é consequência da vontade, de uma vontade permanente. O homem direito, o que não infecciona quase ninguém, é o que menos se distrai. Indispensável enorme vontade para nunca nos distrairmos. É muito doloroso viver empestado, Rieux’ [...] (Camus, 1973, p. 152, grifos do autor).

‘O que é natural é o micróbio’, que segue às cegas seu imperativo de proliferação e destruição do organismo hospedeiro. Mas há ‘um assassino também’ em cada pessoa, e é nesse sentido que se torna ‘doloroso viver empestado’ como um ‘estado permanente’, apenas controlado por uma ‘vontade permanente’ correspondente, ou seja, por uma ética da responsabilidade.

A novela de Valêncio Xavier é um texto curto, com 74 páginas em sua última edição, e cuja mancha tipográfica, como já sabemos, não é totalmente preenchida por narrativa em prosa, mas congrega, numa colagem caleidoscópica, registros de ordens e naturezas bastante diversas: textos narrativos, formas poéticas, gravuras, fotografias de época, elementos gráficos. No entanto, sua complexidade e riqueza são inesgotáveis, o que pode propiciar, ainda, análises bastante diversificadas, notadamente sob essa abordagem da interrelação entre uma virulência da ordem do microbiológico, e as virulências causadas pela mão humana, inclusive aquelas que são igualmente responsáveis pela morte e pela miséria de muitos: o genocídio, o *apartheid* social, o belicismo, a necropolítica.

Referências

- Benjamin, W. (1989). *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo* (Obras escolhidas, Vol. III). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Camus, A. (1973). *A peste* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: José Olympio.
- Cascudo, L. C. (2000). *Dicionário do folclore brasileiro* (9 ed.). Rio de Janeiro, RJ: Ediouro.
- Delumeau, J. (1989). *História do medo no Ocidente 1300-1800. Uma cidade sitiada* (3a ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Eco, U. (1994). *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Foucault, M. (2010). *Os anormais. Curso no Collège de France (1974-1975)* (2a ed.). São Paulo, SP: WMF Martins Fontes.
- Freud, S. (2010). O inquietante (1919). In S. Freud (Ed.), *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*, *Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (p. 329-376, Obras completas, Vol. 14). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Gomes, R. C. (1994). *Todas as cidades, a cidade. Literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Han, B.-C. (2017). *Topologia da violência*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lara, J. T. (2018). Higienismo, saúde e doença: Trajano Joaquim dos Reis e Inspetoria de Higiene do Paraná (1889-1919). In *16º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia* (p. 1-11). Campina Grande.
- McNeill, W. H. (1998). *Plagues and peoples*. New York, NY: Anchor Books.

- Ouyama, M. N. (2006). *Uma máquina de curar. O Hospício Nossa Senhora da Luz em Curitiba e a formação da tecnologia asilar (final do século XIX e início do XX)* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Rocha, F. T. C., & Costa, V. P. (2020). As vozes de Dona Lúcia e do estuprador em 'O mez da gripe', de Valêncio Xavier. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, 9(2), 1-15.
- Schwarcz, L. M., & Starling, H. M. (2020). *A bailarina da morte. A gripe espanhola no Brasil*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Shelley, M. (2020). *O último homem*. Belo Horizonte, MG: Plutão Livros.
- Sontag, S. (2007). *A doença como metáfora/AIDS e suas metáforas*. São Paulo, SP: Companhia de Bolso.
- Spinney, L. (2017). *Pale rider. The Spanish Flu of 1918 and how it changed the world*. New York, NY: PublicAffairs.
- Xavier, V. (2020). *O mez da gripe*. Curitiba, PR: Arte & Letra.